



Liberdade

Fabio Rocha

Copyright © 2003 por Fabio Rocha

Registro EDA – Biblioteca Nacional

Nome(s) do(s)	FABIO JOSÉ ALFREDO SANTOS DA ROCHA
Autor(es):	
Título da Obra:	LIBERDADE
No. Registro da Obra:	307027
Livro:	559
Folha:	187
Data de Registro:	11/12/2003
Gênero da Obra:	POESIA
Obra Publicada:	Não

Título original: Liberdade

Editoração eletrônica: Fabio Rocha

Endereço eletrônico:

<http://www.fabiorocha.com.br>

ÍNDICE

1. *Capa*
2. *Dados*
3. *Índice*
7. *Dedicatória*
8. *Citação - Poema em Linha reta, de Fernando Pessoa*
9. *Préfacio – Ricardo Alfaya*
11. UM MERGULHO NO FUNDO DE MEU ESPELHO INTERNO
12. VIVER
13. DA GUERRA
14. VERMELHA
15. PRECISO
16. PRECIOSIDADE
17. EU NÃO
18. DESMOTIVO
19. SONATA
20. OBRA
21. CONTEMPORANEIDADE S/A
22. ESCURO
23. PUSH
24. O MERGULHO, AINDA
25. CREC
26. AO POETA FELLIPE COSME
27. RE-TRATOS
28. EQUAÇÃO DE ANO NOVO
29. RECEITA
30. MOTIVAÇÃO
31. CONVOCAÇÃO
32. CACOS E LATAS
33. A CORDA
34. A GARÇA PE(S)CA
35. CARNE
36. A FERNANDO CATELAN
37. UM JACARÉ
38. RESUMO
39. MISSÃO
40. A SENSÃO
41. GOZOS MIRABOLANTES
42. VEIA
43. FI-LO, SOFIA
44. PERCEPÇÃO PRIMEIRA
45. LIQUIDE A DOR QUE FICA
46. LÍQUIDA, FICA A DOR
47. FELIZ 2003
48. BASTA
49. BEBA BABE, O FUTURO EMPREGO
50. KAISER SOSE
51. DO EMPREGO
52. SERENO
53. MERGULHO
54. ENSAIO SOBRE O ÍNTIMO
56. TO WORK
57. DUALIDADE
58. COISA SIMPLES
59. PLAY
60. ODONTOSAGA
61. POSSE
62. EM NOME DO PAI
63. FASE
64. M-AR-ISE
65. SONETO PARA ME LIVRAR DO TEMPO LIVRE (?)
66. iN uTIL
67. DUPLICIDADE UNA
68. SEMITRATADO SEMIÓTICO
69. CONFISSIONÁRIO ATRÁS DO ARNALHO
70. POEMAS POR MINUTO
71. PROFISSÃO PRIMEIRA
72. E TER
73. TENDÊNCIA NATURAL
74. DE DEIXAR PRA AMANHÃ
75. SAUDADES
76. PERCEPÇÃO TRABALHISTA
77. NA EMPRESA
78. A QUALQUER TEMPO
79. CAIXAS NAS COSTAS
80. BISPO

81. SALA DE ESTAR
82. MEU BEM
83. LIBERDADE
84. NÃO CORRO
85. CONTRA A CORRENTE
86. SUBÚRBIO
87. SUSSURRO
88. HÁ COISAS BOAS
89. NOVA VISÃO DO AMOR
90. ROCHA ESPACIAL
91. TORNADO
92. JESUS
93. NASCER
94. REENCONTRO VERBAL
95. DESPERTO
96. DO SONHAR
97. DA CRIAÇÃO DO EU
98. AGUARDEM
99. OU MORTE
100. OU MORTE 2
101. OU MORTE 3
102. CASAMENTO DA IRMÃ
103. CASAMENTO MEU
104. MAPA ORGOMOLECULAR DO PRAZER
105. RETORNO
106. LE
107. PRINCÍPIO DA NÃO ASCENSÃO ALHEIA
108. RAZÃO
109. ALMOÇO
110. ALIENISTA
111. AUTO-CRÍTICA
112. ACABA
113. TRATADO SOBRE POEMAS NO TRABALHO
114. LIMA
115. CARO
116. DA CAFEÍNA
117. A MAIAKÓVSKI
118. A ÁRVORE E O BARCO
119. RECEITA
120. QUÍMICA
121. LABORIGRAFIA
122. A FASCINANTE EPISTEMOLOGIA CIENTÍFICA
123. RECURSO HUMANO
124. TRILHA
125. OCA
126. MOER CARNE
127. CARTA DE AMOR
128. MÍNTIMO
129. VONTADE
130. ALTURA
131. METAFORIA
132. FILOSÓFICO-IMAGÉTICO
133. LOGÍSTICA
134. CARAMUJO
135. ANANIAS TEM PRESSA
136. PAISAGEM
137. RELÓGIO RELATIVO
138. ESTILO
139. ANTES
140. INIMIGO MEU
141. VOLTA ALEGRE
142. SEM FORÇAS PARA UM TÍTULO
143. APONTA
144. MADREDEUS
145. TANGERINA (OU SONHO)
146. FAÇO POEMAS
147. BONDADE
148. PATERNIDADE
149. PREPARAÇÃO PARA UM MESTRADO
150. ESTRADO
151. ESTRADA
152. DESTINO
153. HÁ PENAS
154. COMO FAZER UMA OBRA MUDERNA
155. DESEJO
156. DIÁRIO
157. SONETO DE MAR
158. SONETO DE TERRA

159. MAR
160. OLHOS
161. DA VARANDA DO APARTAMENTO NO RECREIO DOS BANDEIRANTES
162. ANDANDO A PÉ NUM BAIRRO DO RIO
163. THE BATMAN
164. FOLHAS
165. DA PERDA DE TEMPO
166. OURO É CONHECER-SE
167. DO ESTUDO
168. ESTANHO
169. ENCONTRO NÃO MARCADO
170. PÉ NO CHÃO
171. POEMA PIADA
172. POETRIZSCHE
173. DO APERTO
174. TEMPO VERBAL
175. HIERARQUIA
176. POETRIX FINGIDOR
177. POETRIX DO PUNHO CERRADO
178. PRESO
179. ARRE
180. POEMAS NO TRABALHO
181. DA LOUCURA QUE BATE A PORTA
182. SERÁ HOJE
183. EMPREGO INDUSTRIAL VOLTA A CRESCER DEPOIS DE 6 MESES, MAS A RENDA DOS TRABALHADORES CAI
184. FutuRO
185. PAZ
186. A TIRA
187. TO WORK IN THE OFFICE
188. DE LARANJA
189. ENTRE O TERRO E A CELA
190. DO AMOR
191. TÚNEL
192. É SILÊNCIO
193. QUARTA
194. FRIOZINHO
195. CON(S)TATO
196. ÓTIMO
197. ESCRITÓRIO
198. DO INCONFORMATISMO INCONFORMISTA INCONFIDENTAL
199. MÍMESIS E VEROSSIMILHANÇA
200. 20 ANOS DE ANÁLISE
201. RELIGIOSO
202. EXCELENTÍSSIMO
203. RESMA
204. INFINITO
205. CARTA-POEMA À MARISE INSONE
206. MIRROR
207. ESTADO
208. NO PIOR MOMENTO
209. NÓ
210. DRAGÃO
211. DA DESISTÊNCIA (LABAREDA)
212. BURP
213. TROPEÇO NO TRÓPICO
214. POETRIX MENTIRA
215. VAGAROSAMENDOEIRA
216. PERDER TUDO
217. PACÍFICO
218. DAS DIFICULTOSAS COISAS
219. POEMA BALOEIRO
220. APRESSE
221. FIM DE SEMANA
222. DA SUPERFICIALIDADE
223. LABIRINTO
224. TEMPOS MODERNOS
225. ANJO?
226. RPG
227. ROMESSA DE OCEANO
228. POEMA CERTO POEMA
229. POEMA UM
230. DIZEM
231. DO POETAR
232. OLHO VIVO
233. DA DOENÇA
234. TRAVESSEIRO
235. NU
236. ESTADO

- 237. FALA E INIBIÇÃO
- 238. S.O.S.
- 239. MAL EXPLICADO
- 240. PÔQUER
- 241. MANHÃ
- 242. ANTA
- 243. EM CONTATO COM A EX
- 244. NO MORE MAILS
- 245. LABIRINTO
- 246. SÁBADO
- 247. FIAT LUX
- 248. VELOZ
- 249. PROCOM
- 250. REMOTO
- 251. MEDITAÇÃO APRESSADA
- 252. GRADE CURRICULAR
- 253. ARMADURA DE OURO
- 254. *Biografia*
- 255. *Fortuna Crítica*
- 256. *Contato*

Dedicatória

Para Fellipe Cosme, Ricardo Alfaya e Rodolfo Muanis, os poetas vivos com quem mais convivo e aprendo, mesmo que virtualmente...

Cada linha neste livro leva um pouco de vocês.

POEMA EM LINHA RETA

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,
Indesculpavelmente sujo.
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
Para fora da possibilidade do soco;
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida...

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?
Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?
Poderão as mulheres não os terem amado,
Podem ter sido traídos - mas ridículos nunca!
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?
Eu, que tenho sido vil, literalmente vil,
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.

Fernando Pessoa

Prefácio

por *Ricardo Alfaya**

Caro Fabio,

Acabei de ler seu novo livro, penso que está muito bom. Ao contrário de outras vezes, você partiu de um título aparentemente direto, sem ambigüidade: LIBERDADE. Entretanto, conforme vamos lendo a obra percebemos que a ambigüidade persiste no sentido paradoxal das atitudes e crenças do "eu-lírico", que ora parece crer de fato numa forma de libertação possível, ora desfalece, reconhecendo a impossibilidade de qualquer utopia libertária, até mesmo individual, nesses tempos descrentes e sob o sistema opressivo implementado pelas transnacionais.

Há um aspecto muito original na poesia que você está fazendo, e que ainda não vi em ninguém mais: consiste nesse caráter autobiográfico, quase seqüencial de seus escritos. De certo modo, sua poesia tem algo de romance. Lá estão seu emprego, Marise, seu pai, eu, Tanussi, suas leituras, sua psicanálise. Há um certo toque de Proust nisso, só que você não corre atrás de um tempo perdido no passado, você suspeita da possibilidade do "Carpe Diem", do aproveite agora, do viva agora. Há uma certa noção de que o tempo perdido É AGORA! São tantas as barreiras, os sufocos, os empecilhos para o exercício da "liberdade" (condição inerente ao "ser" humano, segundo Sartre) que não sobra lugar nem para o desespero, ou melhor, até ele se transforma em perplexidade.

E aí entra a questão: fazemos poemas ou poesia? Isto é, existe um certo critério, um certo mandamento de fazer poesia que se torna difícil de atender, posto que a realidade que vivemos é tão sem poesia (num certo sentido, naturalmente), que não há de onde extraí-la. A questão, assim, do de onde "inventar" a poesia se torna recorrente na obra. São questionamentos constantes, persistentes.

Acho que por alguns de seus poemas dá para perceber, suspeitar, talvez de uma certa dúvida sobre quanto a validade poética do que você faz. Na verdade, o problema não está em você. Quando digo que gosto de sua poesia, eu o faço de coração e sei que tenho argumento. Entretanto, nem eu, nem ninguém, detém no momento o poder do critério definidor do que hoje seja boa poesia ou não. Essa é a luta monstruosa e dilacerante que se trava no cenário. É imprudente e inconveniente citar nomes, mas é claro que se A, B e C fazem e defendem um tipo de poesia que não se parece nem de longe com o que você faz, então começa a surgir aquele mal-estar, de que de repente apenas um dos dois está com a poesia, o outro não. Na verdade são premissas falsas, pois a convivência pacífica de gêneros diversificados é perfeitamente possível. Ou melhor, seria, uma vez que a História mostra que os que ficam são sempre poucos. Em geral, os melhores. E quem são os melhores? Ora, a resposta vai depender da boca de quem a disser. Em termos de poesia, vivemos num tempo em que se digladiam opiniões não apenas de pequenos grupos, mas também de poetas individualmente considerados.

Há muito cheguei à conclusão de que o poeta brasileiro contemporâneo não deve contar com qualquer unanimidade. Haverá o grupo dos que dele gostarão. Haverá aqueles que, por variados motivos, nunca lhe darão qualquer oportunidade. As exceções, se existirem, serão pouquíssimas. Porém, nem isso é garantia, pois, embora não chegue a dizer, como

Nelson Rodrigues, que toda unanimidade é burra, devemos admitir que pelo menos suspeita ela é. Por certo muitos não ousam questionar publicamente qualquer personalidade muito cortejada, menos por a amarem do que por temor às conseqüências do imprudente gesto. É uma cartada muito alta, que pode até consagrar quem a faça, mas que também pode expor o indivíduo ao ridículo e à execração pública, de maneira irreversível, como é o caso do cidadão que recentemente ousou afirmar na Internet que Drummond não era poeta por nunca ter escrito um poema dentro dos rigores da métrica e da rima.

Um outro aspecto ainda que notei em sua poesia, mais do que das outras vezes, é uma consciência maior sobre a natureza de seu trabalho. Quando você questiona, por exemplo o valor da poesia hermética e obscurantista. Sim, sua poesia é mais voltada para a revelação do que para a obscuridade. Cada volume de suas obras contribui para um melhor entendimento do tempo em que vivemos.

Desenvolvi minha própria poesia muito calcada nesse aspecto, do qual nunca dissociar o conhecimento interior, em razão de minha concepção gestaltiana, holística, integrada do eu e do universo. A velha questão: como dissociar rigorosamente o sujeito do objeto, quando nosso próprio corpo, elemento integrante do sujeito, é, no fundo, um objeto como tantos outros? E como tratar como coisa certos objetos com os quais desenvolvemos ligações afetivas "in extremis", como os poemas que fazemos, por exemplo. Sujeitos ou objetos?

Então, é a poesia de que gosto. Respeito, tento ouvir as motivações de certos autores que se entregam a erudições, hermetismos e preciosismos. Não são inteiramente desprovidos de razão, posso entendê-los. São frutos de nosso tempo de contradição e perplexidade, de ausência de rumo, da distância cada vez maior entre o homem comum das ruas, mesmo o alfabetizado, e o autor de poesia escrita. De que adianta ser compreensível, se quem nos vai ler é uma elite exigente e competitiva, que vai desprezar o que não lhe pareça sofisticado, requintado? E o poeta, sabendo que escreve para um poeta, tornará seu texto cada vez mais fora do alcance do homem das ruas.

Então, todas essas são questões muito interessantes que você traz para sua obra, uma poesia que, no meu entender, tem condições de agradar tanto ao poeta de mente livre, sem preconceitos estéticos, quanto ao público sensível, observador e letrado em geral.

***Ricardo Alfaya** é poeta, contista, cronista, ensaísta, editor e jornalista carioca.

Endereço de seu blog Nozarte:

<http://nozartecultural.blog.aol.com.br/>

UM MERGULHO NO FUNDO DE MEU ESPELHO INTERNO

Ah, que trabalho
ferir e cavar e ferir
com medo do porvir
a tentar descobrir
a mim
no fundo do fundo
e assim
perceber, ser e estar
o mundo
e os outros.

24/10/02

VIVER

A Fellipe Cosme

A plumbiedade
de minha rochidão
é rachada.

De certo que nunca capinei de enxada
e sempre sonhei com uma espada...
mas é rachada!

Demora para vislumbrar
e custa a crer
mas é leve
essa teluricidade silenciosa
que irradia e remove
montes imaginários inexistentes
sem saber se é da gente
muito menos, inocente.

Quem convive e vive vê.
(Eu acho.)

28/10/02

DA GUERRA

Ordena o general: ataque!

Por quê?

Porque é preciso...

E, dentre os decididos,
escrevo, indeciso...

Seria melhor não pensar?

E sair por aí a atirar e matar
para aumentar
os lucros desse poderoso ser
e sobreviver?

Ainda acho que não
é jogo ao chão
as medalhas que não me dão
as multitransnacionais.

(nas dinâmicas de grupo,
seria considerado
sem motivação).

30/10/02

VERMELHA

Para Luiz Inácio Lula da Silva

Eu vi uma estrela mais perto
eu vi uma estrela menos fria
eu vi uma estrela de esperança
na nossa noite sombria.

30/10/02

PRECISO

A palavra exata
não escapa:
impacta.

30/10/02

PRECIOSIDADE

Valéria tem olhos de medo
como o dos pássaros
pequenos e frágeis.

Há agitação
sob as camadas
de sua plenitude
alva.

Cabelos e plumas se confundem
no lume
que vejo
e que imagino...

Valéria
fala pouco
mas olha muito.

Pra mim, basta.

E sigo, besta
a escrever muito
e falar pouco.

Ah, se nossos silêncios
se tocassem...

5/11/02

EU NÃO

Eu não bebo,
só o eu-lírico.

E quando ele chega em casa
embriagado do viver sem vida
anti-negando o ócio
e chorando por tempo...
ligo a TV.

Não pra mim,
mas pra ele, coitado.

5/11/02

DESMOTIVO

Tenho que dar o baço a torcer...

Minhas sinceras congratulações
às psicólogas (sempre a sorrir)
dos processos de seleção
para estágios e trainees.

Eu e meu currículo cheio de página,
línguas, informática, capacitação...
e silêncio.

Talvez seja o silêncio...

Mas também não sou bom ator, não...
E acabo sempre minha participação
na dinâmica de grupo.

Eu, meu silêncio e meu anti-dinamismo.

Querem pessoas inteligentes, com visão sistêmica e críticas (quem diria?!).
Mas pessoas inteligentes, com visão sistêmica e críticas não quereriam
trabalhar nessa porcaria
e ouvir sermões sobre motivação
para encher mais ainda o bolso mais que cheio do patrão.

Esses contribuintes auto-motivados da desigualdade imutável
com um pingão de consciência
não quereriam matar indiretamente
crianças africanas de fome,
iraquianas de raiva,
brasileiras de sede...

Não quereriam. Não quereriam...

Que estou fazendo aqui?

12/11/02

SONATA

Reconstruo o tronco
da árvore nua
que achavas tua.

Queria mesmo era reconstruir
o teu tronco nu
com mãos de massagista...

Mas capto a lua
e me inflo de jasmim:
tudo o que restou pra mim.

15/11/02

OBRA

Há quatro anos
que,
grudado no meu quarto,
o vizinho
tenta construir uma casa.

Bate, bate
raspa, raspa
berra, berra
quebra, quebra
chapa, chapa
xinga, xinga

Até agora,
só derrubou uns sonhos
e alicerçou uns poemas.

15/11/02

CONTEMPORANEIDADE S/A

Não fazer
sem saber
o mal.

Eis nossa missão.

15/11/02

ESCURO

Por sorte
de quando em vez
acaba a luz.

E as pessoas
(sem opção)
se voltam
para si
e para os seus.

E, no escuro,
refletem.

Os
faróis
movem
sombras
nos
muros.

Por azar,
dura pouco.

E, em protesto,
todas as TVs se ligam.

25/11/02

PUSH

Tanques
estadunidenses
atropelam
Coreanas
adolescentes.

Se dirigir
(um país)
não beba.

25/11/02

O MERGULHO, AINDA

Depois de nove meses de análise
renasci sem a coroa que nunca tive.
Que leveza...

28/11/02

CREC

Quando se quebrar esse coração de vidro,
falarão ao seu ouvido:

- Cate os cacos e olhe adiante.

Eu, porém, digo:

- Fortaleça o órgão!

3/12/02

RE-TRATOS

Apreciando fotos antigas
notei que em algum ponto de minha vida
meus sorrisos se tornaram falsos.

Tratei do tema
fazendo um poema
com poucos pontos finais.

E agora, de fora das catedrais do tempo
sorrio rimas
tentando encontrar nas ruínas
o que perdi.

(Estou perto).

3/12/02

AO POETA FELLIPE COSME

*“Teus versos me condenam.
Eu não sei se sei sorrir.
A vida é um barril -
E nós todos colocamos metáforas em qualquer lugar.”*

Fellipe Cosme

Amigo,
poeta precisa
é saber chorar...

Deixe os risos
para os úteis
e para os sábios...

A nós,
bastam os lábios
que não beijamos.

E assim continuamos
perdidos
nos mistérios
da vida
e do vento.

3/12/02

EQUAÇÃO DE ANO NOVO

MENOS

pressa
trabalho
remessa
estudo
crítica
sisudo
preocupação
analítica
televisão
política
razão

MAIS

amor
lazer
sonho
ser
risonho
entardecer
cinema
leitura
poema
ternura
alfazema
tempo

IGUAL A
felicidade.

11/12/02

RECEITA

Cuspir as culpas
descomer desculpas
e assumir erros
arranha a garganta
mas dá sabor ao viver.

14/12/02

MOTIVAÇÃO

O espelho interroga...
a janela chama...

E Deus acerta
a sintonia do verde
deslizando
as nuvens sob o sol.

O nada acena
escondido sob as folhas
imóveis.

Insinua-se um vento
e desinvento
meu querer guerrear.

Cansaço?
Soa o sino inexistente
enquanto suo seco
no ar condicionado.

20/12/02

CONVOCAÇÃO

Venham a mim os loucos
os roucos, os poucos
os perdidos, vencidos e poetas!

Juntem-se a mim
rasgando gravatas
e quebrando televisores!

Sigamos o longo e solitário caminho
que leva a nós.

21/12/02

CACOS E LATAS

*“De tanto procurar
rosas no vento,
fragmento...”*

Marise de Sousa

Por não saber ou querer
encontrar a mim
invento ventos.

Queria
poder falar de rosas,
mas minhas rosas são frutos de ventos inventados...

(E ainda há os relógios...)

Por todo lado
o que vejo e o que não vejo
são anti-lagos de espelhos corroídos
pelo tempo e pelo vento.

(Se ao menos eu soubesse do que estou falando...)

24/12/02

A CORDA

Do amor
conheço dor
e ira.

O resto
é coisa de filme
conto de fadas
ou a rara
aparição quase instantânea
(imaginária?)
de um possível
nariz de gnomo
no jardim morto.

29/12/02

A GARÇA PE(S)CA

De novo, férias...

Celebro os ares
alcanço os mares
fujo dos bares
e se me perguntares:

- Que te faltas?

Não reclame,
repetirei a ladainha:

- Falta-me amar uma mulher que me ame.

29/12/02

CARNE

De certo
que a casa do Pai tem muitas moradas
mas, onde moro, tive poucas namoradas.

29/12/02

A FERNANDO CATELAN

Somos escritores
de musas imaginárias.

Condenados
ao prazer imaginário
do amor perfeito-escrito.

Sorvemos
do sonho
motivo
pro despertar.

30/12/02

UM JACARÉ

Se do meio
dessas águas pútridas
se erguesse uma dama
(com ou sem Excalibur)
e me chamasse...

Iria.

Fosse para o céu
inferno
ou qualquer outro lugar.

30/12/02

RESUMO

No meu pacto com a infelicidade
traço versos e inutilidade
sendo velho de infantilidade.

30/12/02

MISSÃO

A garça lê
o rio
paciente.

31/12/02

A SENSÃO

Há muita negativa
em não ser ninguém.
Valorize a tentativa.

04/01/03

GOZOS MIRABOLANTES

Astros libidinautas
trepam nos lustres
virando cambalhotas.

04/01/03

VEIA

Com o tato na tecida teia
e por ter sido atéia o fato
é que me veio um poema chato

04/01/03

FI-LO, SOFIA

Amor
sem sexo
é par
(seria)

04/01/03

PERCEPÇÃO PRIMEIRA

De certo
tá tudo
errado.

04/01/03

LIQUIDE A DOR QUE FICA

Para Marise

O que aqui gira
é Marisa Monte
biquíni colorido
mentira
lâmina de barbear
asa de anjo
nada
mar
Marise
e uma pitada de faltar.

04/01/03

LÍQUIDA, FICA A DOR

Para Marise

Após adicionares água,
sem mágoa, me pergunto, preocupado,
se misturar sexo e similaridades
pode dar amor como resultado.

07/01/03

FELIZ 2003

Let's push
the fucking Bush!

Esse símbolo do retrocesso
ambiental, cultural e mental
está quase conseguindo
outra guerra mundial.

Let's push
the fucking Bush!

Há de haver um meio
de anular tal anta
sem a bomba atômica.

Let's push
the fucking Bush!

09/01/03

BASTA

Para Marise

Estamos.

Não cantamos levitando sobre o Moulin Rouge
nem adoramos a imagem ideal irreal
do outro do futuro do distante.

Estamos apenas. Aqui e agora.

10/01/03

BEBA BABE, O FUTURO EMPREGO

A Décio Pignatari

Não babei cola.
Nem coca.

Babei sangue
na noite ventarosa
em que, pesarosa
a alma vislumbrou
a possibilidade
de vender ideais.

Cloaca.

10/01/03

KAISER SOSE

“Aquele rapaz desistiu e falhou, escreveu e não agiu.”
Dora Oliveira

E agora
o abismo se abre
entre o ser e o escrever:
tudo o que eu temia.

E para sobreviver
e para crescer
devo entrar no maldito
intransponível, gigante
sistema
(ciente dos males do mesmo).

Resta-me a esperança difusa
de tentar mudá-lo de dentro
e escrever para compensar.

10/01/03

DO EMPREGO

Que atire a primeira
lata
quem nunca bebeu Coca-Cola.

10/01/03

SERENO

Para Marise

Dentro,
acalma-se o campo...

Pois o canto
da borboleta havia
ensinado a colher o dia.

14/01/03

MERGULHO

Sigam-me aqueles
sem medo de pular
no abismo de si.

Que não acreditam
em mim
em Tim
nem no fim.

Que não se permitam
usar
asas, foguetes ou pára-quadras.

E não admitam
chamar
fuga de vôo.

(Os que não têm crises, que liguem a TV).

15/01/03

ENSAIO SOBRE O ÍNTIMO

A Fellipe Cosme

I.

Abri o livro
e o metralhar de pensagens
me abriu
olhos, janelas e miragens
que nem me sabia haver.

Dentro ficou maior
e
li
a
luz.

II.

Eu quis asas.
Doeu
mas saíram.

Quis voar.
Deu um trabalho danado
mas voei.

Percebi
então
a gaiola
ao redor.

T-R-A-N-C-A-D-A.

Me revoltei
até descobrir
que eu era a porta.

III.

Me reabri

me saí
e percebi
os 12 cubos
que continham
a gaiola
aberta.

IV.

Nesse instante infinito
Akywes veio galopando
num cavalo sem asas azul
e, sem voz, disse
a paisagem cortante
em que, cortado
prometi não me deitar ensangüentado.

(Roubei-lhe uma ou duas metáforas)

Sangue é vida
e a ferida
é a porta
para cada saída.

V.

Por medo da dor
o dedo didático apontador
não toca o amor.

Só aponta
(Só a ponta?)
lá distante
no horizonte
a cidade errante
de Santa Marise.

17/01/03, após ler o livro “Vozes Mudas” de Fellipe Cosme

TO WORK

Ofereço o pescoço
às gravatas voadoras transnacionais
já próximas.

Incrivelmente, acredito
(meio desacreditado)
que me libertarão.

17/01/03

DUALIDADE

Para Fábio Neto

Amigo:
perto preenche
longe esvazia.

31/01/03

COISA SIMPLES

Para Marise

Eu te amo em espírito em carne
sem amanhã nem ontem
sem cedo nem tarde.

02/02/03

PLAY

Déja vu:
replay do VCR
divino.

05/02/03

ODONTOSAGA

Minha independência
depende
da extração de ideais.

06/02/03

EM NOME DO PAI

Insiste
no que gostas.

Mesmo que não deixem.
Mesmo que não paguem.

Insiste
no que gostas.

Mesmo que apontem.
Mesmo que critiquem.

Insiste
no que gostas.

E o farás tão bem
que outros tantos
tanto gostarão
que também farão.

09/02/03

FASE

Por não ter tempo
farei um poema
amanhã.

13/02/03

M-AR-ISE

Para Marise

Um poema surgiu.

Te inspiro
e inspiro seu nome
crescendo meu ser.

E celebro a vida
e espalho a brisa
para outro crescer.

15/02/03

SONETO PARA ME LIVRAR DO TEMPO LIVRE (?)

Eu não sei ser eu no sábado
muito menos no domingo.
Não me importam os flamingos
lá dos parques e zoológicos...

Minha lógica de ócio
quase que não faz sentido
e estou quase agradecido
por estar nesse negócio:

Trabalhar como uma besta
da segunda até a sexta
sem saber da hora-extra.

O dinheiro pouco importa
se você se sente útil...
(Minha escrita está morta?)

15/02/03

iN uTiL

Nôite
ulísses
TiL IDADE

10/03/03

DUPLICIDADE UNA

Não há como parir um poema
que diga tudo apenas.

Por sorte, há nenéns
e palavras como "Parabéns"
para resumir o óbvio
e deixar a instantânea centelha Divina
mais prolixa.

10/03/03

SEMITRATADO SEMIÓTICO

Escrevo à luz da semiótica
poentes e sifilaxias.

Por não gostar de robótica
menciono tiras e asfixia.

10/03/03

CONFISSIONÁRIO ATRÁS DO ARNALHO

Tenho lido tantas críticas e análises
profundas literárias
que não entendo mais
o que escrevo.

10/03/03

POEMAS POR MINUTO

Pronto.
Fim da abstinência.

Desembestei de novo
a buscar e achar e roer e limar e ser e rimar
cada ar
que expiro
(e inspiro).

10/03/03

PROFISSÃO PRIMEIRA

Invisível
na carteira:
profissão poeta.

12/03/03

“ÉTER

*Não alcanço o sonho,
desperto!
Aura, aurora,
áurea lembrança,
você perto.”*

Marise de Sousa

E TER

E ter você por certo
na duvidosa vida
deixa colorida
a bruma do sonho desperto.

13/03/03

TENDÊNCIA NATURAL

Onde houver guarda de trânsito
haverá engarrafamento.

Onde houver um picote
no pacote
escrito "abra aqui"
será impossível
abrir.

Onde houver
um amor perto
a besta humana
quererá um distante.

14/03/03

DE DEIXAR PRA AMANHÃ

Tenho pressa
pois essa
vida
se enche depressa
de tudo o que não interessa.

Tenho pressa...
de deixar pra amanhã.

18/03/03

SAUDADES

Que saudades
da casa
segura
protegida
imutável
calma...

Que saudades
da casa
onde descanso...

Que saudades
da casa
onde me escondo...

Que saudades
da casa
que me adoenta.

19/03/03

PERCEPÇÃO TRABALHISTA

De certo que o mundo
é mais duro
e ainda mais imundo
visto de dentro.

19/03/03

NA EMPRESA

Reuniram-se, atrasados, numa grande mesa
Paulo, Vice-Diretor Comercial de Enrolation,
Pedro, Representante de Vendas do Multimercado Fuck U,
Lucas, Supervisor Sênior de Work Alheio,
Judas, Estrategista de Marketing Político e
Jesus, filho de deus.

Pra cortar custos, despediram Jesus,
que não vestia a camisa COMPRE
só porque, terceirizado, estava na cruz.

19/03/03

A QUALQUER TEMPO

Já venci tempo em excesso
e em falta.
Mas esse apartamento vazio...

20/02/03

CAIXAS NAS COSTAS

Eis-me filho
da sociedade recentemente escravocrata
querendo trabalhar sem a nata
de suor pingando...

Oito anos em universidades
fazem parecer absurdo
carregar nas costas
o peso da alheia autoridade...

Que suo, sei...
Se suo, sou...
Mas o que?

(Nos últimos tempos
devia talvez ter feito mais musculação
e menos graduação.)

27/02/03

BISPO

Para Marise

Jogando sexo
(chec)
e fazendo xadrez
(xeque)
o mundo lá fora
(cheque)
é de vocês.

03/03/03

SALA DE ESTAR

Para meus pais

A sala vazia.

Lontras na TV.

O dia esvazia
o tempo que não se vê.

Tensão no ombro direito.

Silencioso e solitário é crescer.

04/03/03

MEU BEM

Para Marise

Amar alguém
é ser
você
com esse bem.

20/03/03

“Juventude perdida

(...)

*Nossas amadas eram musas, cantadas em versos,
Não como cachorras, chuchucas ou eguinhas pocotós,
E quando juntos cavalgávamos por todo o universo,
Em nossa dualidade éramos uno, não estávamos sós.
E quando hoje os vejo, assim tão perdidos, sem rumo,
Embrenhando-se por descaminhos de insana vida,
Busca inútil fora de si mesmos, onde inexistente prumo,
Meu Deus ... quanta tristeza... pobre juventude perdida!”*

Lhenrique Mignone

LIBERDADE

Perdida é a juventude
que luta e é morta
pra defender uma estátua torta
numa ilha de capitalidade
manchada de óleo e sangue.

23/03/03

NÃO CORRO

A Fulinaíma

Morro
Longe

Morro
Sem pressa

Morro
Bonito

Morro
Poeta

(Subo)

30/03/03

CONTRA A CORRENTE

Quanto mais nado
mais afundo
na ira
e se
confuso
não faço nada
o peso da consciência
me afoga.

Mas se nem o afago do ócio
nem a raiva que arde
mudam o mundo
me agarro na arte...

Porque a arte
é mais que um...

Porque a arte
pode ser o abençoado infarte
do coração unitário...

Porque a arte
pode ser o câncer benigno
que mate nossas vaidades,
consumismos, egoísmos
e contamine o sistema
com o Bem.

05/04/03

SUBÚRBIO

Para os (outros) moradores de Maria da Graça

As pessoas na rua
aplaudem
as casas sem campainha.

05/04/03

SUSSURRO

Para Marise

Sibilam os ares gelados
sorriem os mares salgados
cintilam estrelas exatas
em segredo:
tu vens.

08/04/03

HÁ COISAS BOAS

Sem nos achar absurdos
sorrisimos na janela aberta
vendo o anjo gigante voando
cheio de lua
fumando charuto.

Mas o vento que passa...

E tudo
vira
fumaça...

Mas o vento que passa...

E, da agonia de dias,
reinventamos amor e graça
da ascensão de defeitos galopantes
dos longos amantes.

15/04/03

NOVA VISÃO DO AMOR

Os amantes se fodem.
O amor não.

Quero a decência
de um amor em decadência
com problemas ascendentes
donde brotem asas
para a evolução
(fuga não).

Escola de samba também evolui
porque interage
sua e sangra.

O amor tranqüilo
é a paisagem
não vista:
a conformação
do não chegar
ao horizonte.

17/04/03

ROCHA ESPACIAL

Dissecaram
a serra dos órgãos
sem a pedra filosofal.

(Eis um poema telúrico)

Sua única lição de moral
é que, de cima
não há linhas dividindo
países, pessoas ou versos.

18/04/03

TORNADO

O poema
não nasce.

Tenho tempo.
O dia todo...
Mas o poema não nasce.

Conformado
com o que a vida tem se tornado
largo a folha de lado.

26/04/03

JESUS

Há estátuas demais
de assassinos sobre cavalos
políticos corruptos
e heróis de guerra.

Há demais...

Há crianças demais
brincando de ter
de controlar
ou de vencer.

Há demais...

Salvem as exceções,
nossa salvação:
o de menos.

04/05/03

NASCER

Nasce o dia,
nasço eu,
nasce um poema.

Todos diferentes.

08/05/03

REENCONTRO VERBAL

No meu pacto com o desgostar
procuro procurar o que procurar.

A psicanálise me guiou
e mostrou que preciso ir (sem guia e sem fugir).

No meu pacto com o desgostar
procuro procurar o que procurar.

O trabalho (FAST!) deveria me realizar
mas não dá tempo.
Quero poder gostar de divagar, de devagar...

No meu pacto com o desgostar
procuro procurar o que procurar.

Pensar muito no pensar dos outros
faz questionar o seu pensar, base do ser
e penso muito nisso, mesmo sem querer.
Assim fico sem saber
se quero mudar, o quanto e o quê.

No meu pacto com o desgostar
procuro procurar o que procurar.

Não gosto de sofrer
mas, infelizmente,
é o sofrer que gera o escrever.

E conjugar o verbo gostar sem negativas
só consigo com a palavra escrita
(sem complicações monetárias nem festas)
e assim sorrio no silêncio só
e assim há sentido na vida comprida
e assim há sentido na vida cumprida.

05/06/03

DESPERTO

Para tia Marta

Preocupado
(meu estado natural)
caminhava sob a manhã.

E Deus me pinta
(sem pincel)
um céu crepuscular
largo, lindo, rajado e rosado.

Quão pequenos
são os problemas
vistos do alto.

6/6/03

DO SONHAR

Para tia Mayra

Esta noite
sonhei:
estou despertando.

6/6/03

DA CRIAÇÃO DO EU

Sim, pode me deixar
andar sozinho...

Quando chover, sentirei frio
quando houver luz, os passarinhos.

Mas serei eu
(e apenas eu)
no caminho.

8/6/03

AGUARDEM

Abro os olhos.

A porta se move.

Pela fresta,
luz.

Pouco vejo
dentro
(de mim).

Em breve nascerei.

03/07/03

OU MORTE

Para minha mãe

Na busca
da aprovação alheia
me perdi de mim.

E agora
semi-ciente disto
prefiro ao dólar o capim.

Eu
prefiro.

INDEPENDENTE
dos de fora.

09/07/03

OU MORTE 2

Para meu pai

Sorvo
os tijolos
que as pessoas tentam colocar
entre mim e meus sonhos.

Me alimentam a vontade.

Esses construtores de muros
(certos)
cheios de filhos e gastos
(duros)
só querem esquecer:
(infelizes)
deixaram outros tijolos os prenderem.

Se houver pais
não mais os culparei
por não ter seguido a mim.

Se tiver filhos
não porei sobre eles
o peso de minha infelicidade.

Para mudar
basta ser.

INDEPENDENTE
dos de fora.

17/07/03

OU MORTE 3

Para Roberta, Marcelo e Marise

Amor
é dentro.

INDEPENDENTE
dos de fora.

19/07/03

CASAMENTO DE IRMÃ

Para Roberta

Na tarde seguinte
era domingo
e os passos leves
na casa vazia
murmuravam ausência.

Na mesa
três pratos
onde sempre houve
quatro.

20/07/03

CASAMENTO MEU

Para Marise

Casei
no caso.

Gosto de gostar.

Casamento claro
compromisso bom
sem papel passado
nem camisa engomada.

Na alegria
de estar
perto...

Até que a morte
nos una
ainda mais.

22/07/03

MAPA ORGOMOLECULAR DO PRAZER

Muito além
da realidade psicossomática...

Milhas adiante
do racional deprimido...

Lá vive
o sentir obsceno.

(Nas adjacências do sonhar)

23/07/03

RETORNO

O céu se fechou de cinza
e me abriu um frio interno
no caminho longo
de tal modo indo
como que ficando
e se conseguindo
como que tentando
ia eu seguindo
como que parando.

27/07/03

LE

Quero ser Leminsky
como Leminsky quis
Mas o que faz do Leminsky
o Leminsky que não fiz?

31/07/03

PRINCÍPIO DA NÃO ASCENSÃO ALHEIA

Lá do alto
alto gritam:
-Alto lá!

31/07/03

RAZÃO

Para meu banco

Lá se vai o mês,
e meu dinheiro
a gosto
do freguês.

31/07/03

ALMOÇO

Sapo pula no riacho
e emite um coacho
porque rima.

31/07/03

ALIENISTA

A Leminsky

Abençoado sejam os surtos
dos loucos de olhos compridos
e poemas curtos.

31/07/03

AUTO-CRÍTICA

Quero encher facilmente
minha vida de poesia.

A duras penas
só a encho de poemas.

31/07/03

ACABA

Como a cobra
a sombra come
a cabra.

31/07/03

TRATADO SOBRE POEMAS NO TRABALHO

A rosa
só brota
com estrume.

31/07/03

LIMA

Estou
no limite
de me limitarem.

31/07/03

CARO

Perdi os óculos escuros
e ficou claro
que sou aéreo.

31/07/03

DA CAFEÍNA

Se eu usasse escafandro
me escafederia
pra beber um descafeinado.

31/07/03

A MAIAKÓVSKI

Nesse dia de sol e frio
espio Maiakóvski como um rio
gelado
e penso parado
na escolha da noite.

31/07/03

A ÁRVORE E O BARCO

E assim sigo balançando
no barco encolhido
vagarando no mar salgado
sem estrelas acima.

Meus sonhos, convicções e vontades
vão e vem
com as ondas
transmutando-se
em espumas
estranhamente diferentes
chocando-se sem cessar.

Com o vento que invento,
uma multidão imensa
de árvores intensas
e terrestres, firmemente terrestres
me acena.

Às vezes
dá vontade
de não ir...

06/08/03

RECEITA

De abandono
tempo
e solidão
se faz um poema.

Como se pudéssemos pegar uma dor interna intermitente
cravar-lhe as unhas carinhosamente
e vomitar.

06/08/03

QUÍMICA

É preciso misturar
na solução
solidão e dor,
com pitadas de louvor.

(Fica terminantemente proibido rimar amor e flor)

o elemento estranho
é o leitor.

06/08/03

LABORIGRAFIA

estou começando a enlouquecer com esse nada para fazer
quero fugir quero correr quero fugir quero correr quero fugir quero correr
o mundo se encheu de desconhecidos próximos e conhecidos distantes
sim eu tenho metas mas não sei onde as guardei
quero querer quero querer quero querer quero querer quero querer
sobre o uso de letras maiúsculas e minúsculas e pontuação
um palavrão um palavrão um palavrão um palavrão um palavrão.

06/08/03

A FASCINANTE EPISTEMOLOGIA CIENTÍFICA

Li um estudo epistemológico sobre as mesas
e acho que elas não existem.
Escrevo num micro voador.

11/08/03

RECURSO HUMANO

Deitei e não dormi.

Através do teto do quarto
mergulhei numa sensação
morna
que me entorna (ainda)
paz, nostalgia e vitória.

(Talvez
eu não esteja
tão perdido...)

Vi num filme meu passado:
dormirei não derrotado
quando a noite vier.

24/08/03

TRILHA

Sair
dos verbos em primeira pessoa:
catar palavras como cocos
e te fazer decifrar ocós.

Descrever
com pouco
(ainda)
bem
o quadro que vejo e que não vêm.

Cada
verão
é diferente.

25/08/03

OCA

O caminho
de águas
se estreita e estende
soluçando por pedras e poentes.

Segue suave o som
e luzes translúcidas
bruxuleiam nos quartzos.

Quase sorriem...

Como pudessem
saber onde são
saber onde vão.

Quase sorriem...

Adivinhando
na negação
navegação
que verão.

25/08/03

MOER CARNE

A Eucanaã Ferraz

Moer e remoer o poema
com vontade de fome
intestino cansado de medo
de revirar o embrulho
de estragar o assado...

O erro me rói
mas escrevo
sem rever o erro
que me rói.

(Seja o que Deus quiser).

25/08/03

CARTA DE AMOR

Se liga
na cela
do selo
cancela
cansada
casada
cabelo
cadela.

25/08/03

MÍNIMO

Prenderam o inefável
com sabão de coco
se soltarem o verbo
ficarão loucos..

25/08/03

VONTADE

O caminho se estica adiante
negro com linhas amarelas.

No peito
o fogo do juízo final.

Esse motor interno
(de combustão interna)
externa o corpo
a seguir
a alma.

26/08/03

ALTURA

No teto
o tato
não toca..

26/08/03

METAFORIA

Ler é chão
onde se anda
escrevendo.

26/08/03

FILOSÓFICO-IMAGÉTICO

Uma árvore voa no quadro de cada um.

Por trás da janela e das grades
agride a vista.

No que tento ver
vejo
que mais é ser.

O visual
nos olhos meus
(pedras interiores)
é visto filosofal-possessivo
(eu meu eu meu eu meu).

Peço
paciência
pelo
pecar
lírico
longo longo longo...

Porém
por eu eu eu
para (perto) você.

26/08/03

LOGÍSTICA

Para o professor Ricardo Motta

Caminhão
é um grande caminho
poluído.

26/08/03

CARAMUJO

Quando falo
da casa
não é a casa
lar
lá.

A casa mora em mim.

26/08/03

ANANIAS TEM PRESSA

Tive várias inspirações
para um poema longo limado complexo quase ilegível (bem editorial)
mas transformo a cada uma delas
num poema curto.
(É mais forte do que eu!)

Que cortar então?

26/08/03

PAISAGEM

Um barquinho vai.
Imagino.

Queira Deus que vá
pois fico.

(Em frente ao micro
é duro ver o macro).

27/08/03

RELÓGIO RELATIVO

Para Marise

Ah, não agüento
não falar do à toa.

Como
numa vida cheia de coisas por
ver fazer sentir viver ser ser ser
tempo é curto
é curtido
é amargo
é sorvido
?

Eu não quero casa
eu não quero carro
eu não quero som
quero tempo
você
e um edredom.

Tudo envolto em hoje
com dobrinhas de agora
e lantejoulas.

Vamos de mãos dadas!

(Me repito com prazer em todos os poemas
ou quase todos
sem pressa...).

27/08/03

ESTILO

Não quero romper.

Quero misturar
curto longo
confuso claro
eu e você.

27/08/03

ANTES

É preciso fazer um poema
pois o tempo se dissolve em relógios nada inertes
e o pensamento é raro, ralo, cada vez mais
raríssimo...

Excelentíssimo Senhor Doutor,
venho por meio desta
atestar que somos todos correntes incoerentes
grilhões de sono, impotentes correntes contentes
perante a imponência do fluxo corrente
monetário-apressado.

27/08/03

INIMIGO MEU

Meu inimigo
maior mora
em mim.

29/08/03

VOLTA ALEGRE

Minhas lágrimas não caem
e meus sonhos
morrem antes
de nascer.

Morrem confusos, perdidos, estrangulados, estagnados, sem sentido...
Morrem, nascem, morrem, nascem, morrem...
E a vida passa lá fora.

(Cheia de gente sorrindo)

29/08/03

SEM FORÇAS PARA UM TÍTULO

Era sexta-feira
e o desânimo batia frio
na vidraça.

As árvores balançavam sem sentido
e o tempo perdido
uivava atrás da casa.

Se ao menos uma certeza...
Se ao menos uma conquista...
Se ao menos uma palavra...

(Era bom quando eu chorava)

29/08/03

APONTA

Na ponta do lápis
me vejo
melhor que em espelho.

31/08/03

MADREDEUS

Fiz um poema forçado:
lenhador sem machado
nem Assis.

31/08/03

TANGERINA (OU SONHO)

O som
da casca
separando-se
do fruto
é mais
que o azedo concretizado.

01/09/03

FAÇO POEMAS

Faço poemas
na tentativa vã
da vida
fazer
sentido.

02/09/03

BONDADE

Sim
mostra-me o caminho
para que eu desaprenda
a andar sozinho.

02/09/03

PATERNIDADE

Há um rio de esgoto
na cidade aberta
cercado de trânsito
por todos os lados.

Urubus negros
se enfrentam
se afrontam
por detritos
em meio à lama negra.

Não quero ser
mas sou
um deles.

A garça branca
contrasta sozinha
com olhos de silêncio...

Ali, no meio,
uma estátua...
uma morta...
silenciosa e incrivelmente branca.

E por mais que eu voe
por mais que me afaste em minha negridão
sempre há uma garça branca
na beira do rio
olhando
lá do alto
de seu silêncio alvo
os que não querem
lutar por restos.

04/09/03

PREPARAÇÃO PARA UM MESTRADO

Após um dia de labor,
procurei por duas horas
um texto sobre mimesis.

Achei um autor
que escrevia há dez anos
sobre o tema.

Li por dezenove minutos
o único livro encontrado na biblioteca quase fechando
e não entendi nem o que era mimesis.

Ou achei a década perdida
ou sou o elo perdido...

No caso,
corri
pro carro.

O automóvel
defronte
me mandava sorrir a frente:
Jesus me amava.

Não sorri.

Talvez minha tristeza
com pitadas de desânimo
e vontade de dormir
viesse do clima
inventaroso e asolar.

12/09/03

ESTRADO

Trago
comigo
o gosto do porvir.

Esse estado
vazio
estraga.

O estrado
em que insone sonho
me abre olhos e estradas
para dor.

(Pára, dor...)

Como se o futuro fosse
a segunda-feira
ou a solidão dos escritores confusos.

14/09/03

ESTRADA

A ponta
do pé
no asfalto
esquenta...

e aquece
vontade
de voltar.

16/09/03

DESTINO

Acordar com os pássaros
deveria ser
para quem mora no campo.

Nado num oceano de violinos
sem som
bra de dúvida
(frio).

Minha geração neoliberal
fez mais de uma graduação
e não ganha pra comprar feijão
(os sortudos empregados).

Se combato
o bom combate
mais apanho
do que bato...

Aos 40 ou 50
com sorte
terei posses para ser
(ou comprar um porte de armas
e me matar).

17/09/03

HÁ PENAS

Há uma seta sobre a catedral de pedra empenhada
na quina esquerda de meu plexo.

Seu empenho não é diretivo
(o vento vence o sentido)
e cada curva vaga gera
lágrima.

Se seguissemos a pena
valeria.

19/09/03

COMO FAZER UMA OBRA MODERNA

Estudando os recursos lingüísticos
em moda no contemporâneo momento pendular pós-perceptiva
em que o narrador – atchim! – espirra...
sua vida, uma esfirra devoradora
que criou o universo (cria)
resolveu não usar ponto final no final
e, afinal, não acabar
na vã tentativa da eterna idade
por meio do hermetismo logarítmico anti-quintanístico fantástico

Percepção em 3D:
todo treco chato é comprido

23/09/03

DESEJO

Quero queimar no inferno
(com minhas próprias mãos)
as bocas leves de amor e flor
ouvintes apenas do que falam
presas nas jaulas de si mesmas
mascaradas de perfume.

25/09/03

DIÁRIO

Tenho que fazer alguma coisa
mas não lembro o quê.

O relógio grita um som agudo
e tudo era um onírico confuso
Beba
Compre
Use
aumento minha altura.

Tenho que fazer alguma coisa
mas não lembro o quê.

Pressa.
Buzinas buzinam
e homens-trovão empunham canos silenciosos.
Passam no alto monumentos gigantes
Beba
Compre
Use
Chego a frente de minha tela diária.

Tenho que fazer alguma coisa
mas não lembro o quê.

Chovem problemas
resolvo e não resolvo
lucros e prejuízos
gosto e desgosto
tento vender (Beba Compre Use).

Volto.
Buzinas. Sons. Fumaça. Sorte: sem tiros.
Tenho que fazer alguma coisa mas não lembro o quê.
Na dúvida, faço um poema.

28/09/03

SONETO DE MAR

Estudo o meu amor, esse portento
Inspiração na clausura da métrica
Peito de vidas e luas concêntricas
De voz ambígua e corpo todo bento.

Vejo a mim em seus desejos de ar
(Nas ondas de sim, nas ondas de não)
Rasga a espuma, minha embarcação
Pro vale da pele, plexo lunar.

Bóia na beira de seu beijo o meu
E desfaço os nós das linhas do céu
Sentindo a alma do melhor amigo.

Na falta de ciência e certo artigo
Abaixo a vela e percebo abismado:
O amor não pode ser estudado.

2/10/03

SONETO DE TERRA

A Vinícius de Moraes

Ando pelos cantos da tarde. Ando
E me arde a sola da noite. Calma...
De modo a rimar os passos e traumas
Vagaroso, sem perder o encanto.

Descubro o mundo: muito chão e pranto
E em cada esquina, mais bares e palmas
A solidão fuma um maço de almas
Vivas na pressa na festa sem canto.

Não sabendo nem o que procurar
Caminhando perdidos pelos anos
Vamos não achar o vale encantado.

Cantemos, pois, que resta ser. E vamos.
Por sobre as cidades, o Deus calado
Repassa bem o recado de amar.

2/10/03

MAR

Mar mesmo
do antes
de férias e fogos anuais
(de artifícios artificiais)
como sempre
diferente.

Sobe desce sobe desce
espuma estrondo espuma estrondo
cava enterra cava enterra
sem salário.

4/10/03

OLHOS

A poça
reflete
redonda
a janela
quadrada.

reflete
em partes
circulares
que se unem
e separam

como almas
de amantes.

4/10/03

DA VARANDA DO APARTAMENTO NO RECREIO DOS BANDEIRANTES

Dois imbecis
tentam acertar
pedras no jacaré.

Por sorte
o rio
é suficientemente largo
e as duas mentes
maravilhosamente curtas.

Tiros n'água...
Tiros n'água...
Desistem.

Algo me diz
que o jacaré (impassível)
sorri ao sol.

4/10/03

ANDANDO A PÉ NUM BAIRRO DO RIO*

A Ricardo Alfaya

Andando a pé com seus pés
olhando o barro o jarro o bairro e as coisas
vi um resistente do absurdo
um medidor do impossível...
(vamos na mesma direção)

Por mais que chova
reciclemos o silêncio das águas internas
e berremos ao outro!
(ou transbordamos)

8/10/03

** Título homônimo ao do poema de Ricardo Alfaya publicado no livro “Rios” (Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2003)*

THE BATMAN

Hoje descobri definitivamente
surpreendentemente
que eu não posso
to be the Batman.

Por mais que minha avó me dissesse para não rir
minha seriedade das marés não basta.
Bosta.

(Soturno rima com noturno)

Aos quase trinta
ainda busco o Bat-auxílio de grandes (grades?)
quando riem de mim pequenos (serenos?)

Qual o meu tamanho?!

Sou um anão gigante que se vê vulto e age como
bebê (sem bebida)

Minha raiva não se transforma
em bolinhas de luz azul na palma de minhas mãos karatekas
(Bat-bate! Bat-bate!)
mas num pedido indigno de socorro.

Se eu não fizesse um poema hoje me choraria.

9/10/03

FOLHAS

A Fernando Pessoa

Ventou
à noite.

Eu
vi
ventar.

Não bastasse isso, era noite.

E era tão forte
tão longo
tão bravo
que era meu.

Eu, espantalho espantado
ventava.

Eu ventava à noite
orgulhoso.

Eu ventava
a noite.

...

Ventei a noite
pra me provar grande
(do tamanho de minha insatisfação)
e a manhã trazia rastros de nuvens lá no alto.

10/10/03

DA PERDA DE TEMPO

O vento suave balança a árvore.

Amendoeira
se levita ao olhar
mesmo sem levitar.

10/10/03

OURO É CONHECER-SE

De todo o tato
que não tenho tido
resta apenas a certeza do tédio
e a tristeza do asfalto
interminável mente...

10/10/03

DO ESTUDO

A Eucanaã Ferraz

Quis escrever a vida
com palavras simples
(talvez duras).

Como fazia
quando não sabia
poesia-literatura.

Catou com a mão
o feijão-pedra mal cozido
na panela com água/lágrima
e tentou achar um caminho com meio.

15/10/03

ESTANHO

Luna é lua em Espanhol
e conseqüentemente na Espanha
os espanhóis assim a chamam.

Estranho.

15/10/03

ENCONTRO NÃO MARCADO

Algo aqui não me deixa fazer
internamente não faço
e se quero ou não quero não sei
só sei que não faço
e passo a passo
me atraso
e passo.

(O próximo passo:
a vida que passou.)

15/10/03

PÉ NO CHÃO

Praticando
aprende-se a prática
e desaprende-se a utopia.

Cadê a perfeição?

15/10/03

POEMA PIADA

Nada nada no nada
é preciso água...

15/10/03

POETRIZSCHE

Nietzsche era
antes de tudo
um nome difícil.

15/10/03

DO APERTO

Entre Deus
e demônio
há nós.

15/10/03

TEMPO VERBAL

A musa se esconde
na lousa
e na nuvem.

De sonho
quem vive?

E poeta
sem tempo?

15/10/03

HIERARQUIA

O sol aquece
aquele
acima
da nuvem.

15/10/03

POETRIX FINGIDOR

Lamento
mas lento
me minto.

15/10/03

POETRIX DO PUNHO CERRADO

Nada faz
sentido
(nem nada fazer).

17/10/03

PRESO

Estudando pro mestrado nesta data
descobri surpreso
o significado da palavra ilação.

(Quando eu usar isso num poema
me prendam.)

17/10/03

ARRE

A raiva rói?

Se rói
o riso de canto
que proporciona
arrebata o roer...

Pois a raiva cria
erros
e a raiva mostra
algo errado.

Rangendo as unhas
a raiva rói e corrói
mas cria.

Muda a muda em voz
e no ínfimo íntimo aquece
um berro silencioso de poder
quando transborda.

17/10/03

POEMAS NO TRABALHO

É cuspiendo essas palavras retas
digitadas em teclas de silêncio
que me aproximo de ser.

17/10/03

DA LOUCURA QUE BATE A PORTA

Não sei se vou ao mar
ou vomitar
mas o importante mesmo é que não vou.

17/10/03

SERÁ HOJE

Por 6 vezes eu vi o vulto
se escondendo na luz.

E quando procurei uma cruz
para mim
não havia vagas nem chagas:
portas fechadas
e dor.

17/10/03

EMPREGO INDUSTRIAL VOLTA A CRESCER DEPOIS DE 6 MESES, MAS A RENDA DOS TRABALHADORES CAI

What a
wonderful
world (trade center)

17/10/03

FUtuRO

Hasta la vista
arde a vista
com perspectiva.

20/10/03

PAZ

Sala de lembranças
corredor apertado
à parte, brigas
vizinhos, visitas...

Entre sem bater.

20/10/03

A TIRA

calei dos copos
com o agudo
de minha ira.

20/10/03

TO WORK IN THE OFFICE

É com esses grilhões
que minha poesia
se liberta.

20/10/03

DE LARANJA

Vi que vim
de e para não

Vim e vou
de e para não

Vou e sumo.

20/10/03

ENTRE O TERRO E A CELA

O último livro
quando morrer
ninguém irá escrever.

20/10/03

DO AMOR

O amor
é um querubim
comendo capim.

20/10/03

TÚNEL

Entre tapa e carícia
atenção e desprezo
o amor segue parando.

20/10/03

É SILÊNCIO

A Tanussi Cardoso

É silêncio
e os carros lá fora vão
deixando cinza
destruição.

Se de todo eu
tivesse ido eu
tivesse sido eu
que deixaria então?

Após o despertar o café o almoço a tarde a casa o sono
não há tempo para...

Não há
"tempo pára".

Porém parece sobrar
por poder eu fazer uns versos
semi-rimados semi-líricos semi-cerrados
que tentam insistentemente me dizer
que faço algo
45 horas semanais
e que faz sentido.

22/10/03

QUARTA

No meio da semana
havia uma trégua:
amar Marise (o mar).

22/10/03

FRIOZINHO

É mais fácil
conviver com o ar condicionado
que me condicionar à sociedade.

22/10/03

CON(S)TATO

Para minha analista, Dra. Lia

Não lamento a prova
pois tudo é dentro:
sofrimento ou glória.

E se sobe de joelhos o morro da Glória
a rima pode ser pobre ou rica
depende mais do olho que do joelho.

22/10/03

ÓTIMO

É, o tempo não passa...
No entanto
estou mais íntimo
de mim.

22/10/03

ESCRITÓRIO

A parede a frente
é vazia como minha mente
porém clara.

A do lado direito
pelo reflexo da luz
é mais escura
pura como minha ira fraca distante reprimida
nesse silêncio e nesse nada
que deixam a sala pesada
de mormaço.

De cada dez malefícios
devo fazer algo bom
e desejar edredom
e que as portas e braços se abram...

Mas fechado
como a sala
sinto fome
de valer à pena.

22/10/03

DO INCONFORMATISMO INCONFORMISTA INCONFIDENTAL

Nada me basta.

Busco a pasta que não há.

Para o interior!
do país
do eu
da pasta...

Não há pasta.

Procuro a fechadura
o cadeado
a tranca
pois quero abri-la
decifrar seus mistérios cristalinos
colarinhos brancos
forcas
e higienizar o céu!

Não há pasta.

22/10/03

MÍMESIS E VEROSSIMILHANÇA

São longas as manhas das crianças
mimadas
e as manhãs dos poetas
mimados.

22/10/03

20 ANOS DE ANÁLISE

Meu subconsciente coletivo
é unitário e solitário
porém infeliz e solidário
quer o mundo e o armário
aberto e trancado
correndo estagnado.

Tudo muito simples.

22/10/03

RELIGIOSO

Eu quero a ascensão
aos céus de mim
aos pés do Deus existente.

22/10/03

EXCELENTÍSSIMO

Para Walter Cabral de Moura

Sabe-se que a vida é bela
dito isto
abre-se a janela
(contemplação ou salto?)

24/10/03

RESMA

A Mario Quintana e Manoel de Barros

A hora segue
com seu brilho escorrendo
onde lentamente passa...

(A hora tem anteninhas e não fazer)

24/10/03

INFINITO

u
ne
ver
so

24/10/03

CARTA-POEMA À MARISE INSONE

Meu amor amado amarecido azul-amarelado
dormir é nada não
é mais uma das infinitas formas de se perder tempo
larga mão disso
e dorme tranqüila.

Deita em minha saudade
o teu cansaço
e sonhemos com um abraço.

24/10/03

MIRROR

O pior
do monstro
é nossa
semelhança.

26/10/03

ESTADO

Eis a grande
conquista
de minha analista:
estou só
dentre aqueles
que amo.

26/10/03

NO PIOR MOMENTO

O erro grande
é não jogar
quando se ama.

(GAME OVER)

26/10/03

NÓ

Para Marise

Fazer o nada fácil
laço
entre nossos sapatos
requer dedos de prosa.

27/10/03

DRAGÃO

Vinte ventos
distintos
trago.

Sorvo e sopro
solidão
labareda.

27/10/03

DA DESISTÊNCIA (LABAREDA)

Para meu silencioso pai
sou um fraco
que de tudo desiste.

Desisti
de convencê-lo
do contrário.

27/10/03

BURP

Nunca fui tão poeta
como agora
terceirizado na Coca-Cola.

27/10/03

TROPEÇO NO TRÓPICO

Concateno
palavras
sem trena
nem piedade
(nem treino)

27/10/03

POETRIX MENTIRA

O primeiro
pinheiro
de que semente?

27/10/03

VAGAROSAMENDOEIRA

Não quero nada além disso.

Eu, vento, fim de tarde, andorinhas
caneta e papel.

Não desejo mais dinheiro
nem semear o amanhã.

Não quero amar ou ser amado
não quero nem livro editado!

Quero ser meu amigo.
Nada além.

27/10/03

PERDER TUDO

Para Marise

Aposto todas as fichas
no amor moribundo
desejando bem no fundo
do mundo que deixei à parte
não reste nem amizade.

29/10/03

PACÍFICO

Procuvo não procurar
algo para ser encontrado
pois a busca é meu estado
de repouso.

29/10/03

DAS DIFICULTOSAS COISAS

Seguir o sonho
é tão fácil quanto
saber o sonho.

29/10/03

POEMA BALOEIRO

Para Marise

Meu amor
ganha força
com a distância...

E sobe
balão cheio de si
saudade quente
que não incendeia florestas.

Na cangalha
carrega
todas as minhas fichas
todas as minhas filhas
e a esperança do semi-céu no semi-inferno estrelado.

30/10/03

APRESSE

A vida passa
diante de nossos
sonhos.

31/10/03

FIM DE SEMANA

Para os amigos

Essa piscina
vazia
não está fria.

Na praia, lá longe
após pedágios e engarrafamentos
pessoas
sorriem cerveja.

A piscina indubitavelmente vazia e limpa
molha de passado
amigos presentes parentes
barulho pizza barulho videogame barulho alegria barulho vôlei
antes...

Uma piscina silenciosa
cheia de água
e vazia de gente.

1º/11/03

DA SUPERFICIALIDADE

Amigos
se aprende a fazer
do primário ao terceiro grau.

No trabalho ganhamos
colegas.

1º/11/03

LABIRINTO

Tenho necessidade
de buscar
uma pausa
(mínima que seja)
na necessidade
de busca.

1º/11/03

TEMPOS MODERNOS

Por exemplo:
percebo as editoras
selecionando poetas não-entendíveis
e reclamando que poesia não vende.
(Quem vai comprar o que não entende?)

Para clarear a mente
vou caminhar horas e horas
na esteira
e não sair do lugar.

1º/11/03

ANJO?

De quando em vez
encho de medo a mim
do escrever meu
ser a mesma vontade de aparecer (e ficar escrito no eterno)
dos caras que implantaram grampos
cirurgicamente nas costas
para ficarem em suspensão sobre o Texas
divulgando a eles mesmos e a seus piercings
num mórbido móbile humano.

A pele e o papel não rasgam.

1º/11/03

RPG

Gosto de Jornada na Estrelas
pois o futuro na tela
é o passado da Terra:
o bem separado do mal.

1º/11/03

PROMESSA DE OCEANO

Para Marise

Não nado mais
contra a corrente.

Vou no rio
solto
sem lágrimas
para o fim.

1º/11/03

POEMA CERTO POEMA

Para Marise

Uma coisa boa neste fim de semana foi que aparei as unhas inclusive a dos pés e cortei a barba o relacionamento não pois nos abraçamos como se o calor do corpo do outro fosse necessário para a sobrevivência na realidade fria e carinhosamente falamos palavras como navalhas cortando o resto de futuro com sangue e dor e dor (um pouco de orgulho e raiva) e carinho no abraço gostoso que parecia eterno até o outro corte em que mastiguei minhas bochechas cheias de aftas e ela foi pra casa e não me importei se chegou ou morreu no caminho dormi tranquilo como um anjo revoltado o domingo quase me deu gastrite e acordei quase tonto segunda-feira sem saber se ia ou vinha nem se a tinha ou não a tinha na verdade não acredito em fim nem em mim mas está tudo definitivamente quase acabado mesmo sem nenhum de nós dois acreditar ou saber o que quer talvez que vontade de ligar pra ela ou não quem sabe?

3/11/03

POEMA UM

Recomeçar.

Com o peso me pesando os pés e a pele.
Nem uma palavra disposta a pingar no papel.

Rachel de Queiroz morreu.
Amor acabou.
Verbo transitou.
Vento... E daí?
A chuva chora. Só a chuva.
E daí o vento, meu Deus...

Não me respondem na rede.
Não me respondem fora da rede.
Eu não me respondo nem me respeito
dentro ou fora de mim.

Transborda o tempo: sobra.

É silêncio como nunca fora.
E acho constantemente
que podia ter feito, sido, estado, lutado
mais.

Mas...

Recomeçar: impossível.

4/11/03

DIZEM

Distante
um tanto
me diz
a voz
(muda)
- Muda!

6/11/03

DO POETAR

Para Affonso Romano de Sant'Anna

Penso
logo
insisto.

6/11/03

OLHO VIVO

A Ricardo Alfaya

Olho o olho
que me olha
e pergunto
como vê
tanto?

6/11/03

DA DOENÇA

A gripe
é um tipo
de libertação.

Não tenho que estudar
porque estou gripado.

Não tenho que mostrar
como sou bom no trabalho
porque estou gripado.

Não tenho que lutar
pelo amor perdido
porque estou gripado.

Esse meu poema...
Bem, estou gripado...

6/11/03

TRAVESSEIRO

A Sérgio de Castro Pinto

Empurro
com a testa
a noite
interminável.

Não funciona:
não entro
profundamente fundo e interiormente dentro
da cama.

6/11/03

NU

Sólidos
corpos sem face
pele e pelo
se mostram
vontade:
tornar o belo
real.

6/11/03

ESTADO

Largado
gripado
una semana pro Mestrado.

6/11/03

FALA E INIBIÇÃO

Para Marise

Agora resta
me habituar ao novo eu
que não quer mais se esconder
quando tocam a campainha
e tem falado mais
e com mais gente
de modo a compensar
o que não mais pode falar
para ela...

“Eu gosto tanto de você...”
(a frase dos que não amam mais)

6/11/03

S.O.S.

Para Marise

Tentemos agora a comunicação
escrita
já que a falada
faz eu não me interessar
por uma ÚNICA palavra
exceto o ACABAR definitivo.

(Que gera novo querer:
ACABAR
com ela
contente
com dentes...)

Entre o namoro e a amizade
há punhos cerrados.

7/11/03

MAL EXPLICADO

*Amor, então,
também, acaba?
Não, que eu saiba.
O que eu sei
é que se transforma
numa matéria-prima
que a vida se encarrega
de transformar em raiva.
Ou em rima.*

Paulo Leminski

O medo pendurado
nos varais da noite
lhe trespassou o consciente...

Decepção é quando se vê
uma piscina de silêncio
onde deveria haver
cumplicidade.

(Acendo uma fogueira de ódio
para o frio passar mais fácil.)

9/11/03

PÔQUER

É agora, Fabio José...
Puxa uma cadeira
e senta no chão de si mesmo.

Pare de correr!

Leia um livro e veja um filme
quando não for por medo de você.

Sente como o silêncio não dói tanto
nos ouvidos quando há vento.

Você é escritor!
Invente o vento quando não houver...

9/11/03

MANHÃ

Talvez eu tenho colocado
pouca lenha na fogueira ontem...

Ou o orvalho
da noite de febre
deu fim às chamas.

Cada mínima coisa
nesta manhã
(até a ausência de bom dia)
me lembra ela
me faz querer ela
como se ainda pudesse...

E cadê forças
para procurar
uma ilustre desconhecida
e apagar tudo isso de dentro
e de novo
e de novo?

10/11/03

ANTA

Para Marise

Senhor,
dai-me forças.
Faço tudo errado.
De certo esta mulher não é
uma Andréa
mas estou enganado
se acho que é bom
ficar mandando emails e ligando
p-r-o-l-o-n-g-a-n-d-o
a dor.

10/11/03

EM CONTATO COM A EX

Para Marise

Amor,
te chamo Marise
porque chamar de amor
a quem não sabe
se te ama
e se acabou ou não
o que já havia
(seja lá o que for que havia,
se havia)
é um pouco confuso.

10/11/03

NO MORE MAILS

Para Marise

Se pudesse
devolver ao remetente
o tanto de solidão infestada
em cada mensagem que não diz...
seria quase uma porrada.

(Não daria certo também
tentar sinais de fumaça.)

Decidir nada
tem limite
dá tosse.

A queda na decepção
tem que ter um chão.

Venci a gripe,
esqueci a Andréa
não temo mestrado
e você é passado.

É hora
de parar
de prorrogar
o adeus.

11/11/03

SÁBADO

Já acordo em pânico
(por quê, meu Deus?!)
após a sexta-feira de ombros tensos.

As unhas estão cortadas
horas aparadas
e não sei se toco violão
vejo filme, televisão
ou leio um livro...
não, livro não
que é muito silêncio.

Meus pais vêm uma partida de tênis na sala.

Não agüento
minha presença
longa
neste quarto.

Já não há mestrado
para se estudar
ou namorada
para se namorar.
(até a ex mudou de telefone!)

Chamei amor o que era fuga...

Amontôo minhas perdas
no estômago
que cisma em digerir
algo não ali
e suo (no) frio.

Se, pelo menos a segunda-feira aliviasse o que eu não disse nem achei
mas escrevi...

15/11/03

LABIRINTO

Para Rodolfo Muanis

Tornado
no sonho
me segue
me puxa
alegre.

(Canudo
querendo
beber
Coca-Cola)

Me agrada
mas me agarro
nas grades
e coisas
do chão...
(querendo o céu)

Sonhos de ar
devem significar
que estou voltando...

13/11/03

FIAT LUX

A Carlos Nejar e Marco Lucchesi

Se sou palavra
não serei a mariposa:
borboleta desfeita
em ausência.

Se a luz brota
atravessa
colore
transforma
via palavra...

A larva da sombra
contínua
com vaga
lembrança
do que foi
do que se foi
apaga.

Apaga agora!
Apaga que eu quero
brilhar.

Palavra é poder
e eu posso querer.

Sem raiva
ou reclame
há um mundo
a ser mudado
e sou soldado
na palavra.

17/11/03

VELOZ

A Milton Cunha

Consumo
e me consolo
com o mundo.

(Conforto
na
prisão)

Consumo
o eu.

Consumo
e sumo.

21/11/03

PROCOM

Eu tinha
me esquecido
ou tinha
me forçado
a esquecer
o sistema
para o qual
contribuo?

21/11/03

REMOTO

O sabiá come o mamão
refletido
em sua barriga.

O coração estranho no canto desritmado
preso e perplexo no plexo...

Sábado novamente.

Mentiria se dissesse
que não há uma raiva latente
em cada canino dente.

Raiva da ex dormindo
Raiva da outra ex fugindo
Raiva das perguntas caseiras
e de todas as tentativas táticas
na guerra pelo CONTROLE
dos outros sobre mim
e vide-verso.

A casa continua exatamente casa:
muros que não separam sons
prendendo almas confusas
delimitando ter
eliminando ser...

(Em algum lugar do mundo
há um céu aquático
que não cai deste olho
apático
que não se vê)

22/11/03

MEDITAÇÃO APRESSADA

Para Leopoldo Comitti

Ó densas horas
de agonia intensa
que imensas moram
no vazio dos dias...

Será que precisamos
virar crentes
ou ler Paulo Coelho
para suportarmos
essa eterna ausência?

Sábado sem sol, 22/11/03

GRADE CURRICULAR

Quero viver fácil
quero viver simplesmente
quero viver sem complicar demais...

Comer e beber
dormir e acordar
procriar quando possível...

Ser um leopardo.

Mas a vida só é fácil
pro animal enjaulado.

23/11/03

ARMADURA DE OURO

Para Gislaine Mirella

Nunca sinta:
“Você é tudo
pra mim.”

(Se sentir
não diga...)

Ninguém gosta
de quem se contenta
com pouco.

24/11/03

Biografia

Retirado do PD-Suplementos / Sábado com você de 24/11/2001, com atualizações

"Nada é para sempre,
exceto sua alma."

FABIO José Alfredo Santos da ROCHA vive no Rio de Janeiro, onde nasceu, em 04 de junho de 1976. Cursou Engenharia Elétrica na Universidade Federal do Rio de Janeiro (mas não concluiu o curso) e se formou em Administração de Empresas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. FABIO é FABIO mesmo — como MARIO, o Quintana, é MARIO — sem acento, o que ele explica em versos:

ESCOLHA

A Drummond

O meu Fábio é Fabio.
Nem nasci, tropeçavam em mim.

Tive então duas escolhas:
Ser pedra ou poeta.

Fora isso, é muito pouco o que ele diz de si mesmo:

"Quanto a falar de mim, é a parte mais difícil (sorri, disfarçando). Acho que comecei a escrever por dois motivos: sempre gostei demais de ler e admirava os escritores (de prosa ou verso) que conseguem transmitir pros leitores algo que inspire, emocione ou faça pensar. O outro motivo é que falo pouco (sorri, certo de que está justificado). Então, alguns anos depois de começar a escrever poemas, comecei a fuçar na Internet e aprendi a fazer páginas. E como não tinha nada melhor para colocar na homepage, pus uns poemas. Eu não esperava, mas deu certo. Hoje já são mais de 350 mil visitantes e o site ganhou vários prêmios. Foi isso que me estimulou a escrever mais e participar de concursos. Também tive várias surpresas boas e conheci pessoas maravilhosas e cheias de talento, graças a ele. Pessoas que, infelizmente, a mídia em geral não mostra, mas que estão a apenas um clique de distância".

Deu certo mesmo. Ao longo de um tempo historicamente curto — ele começou a escrever em 1994, aos 18 anos de idade — FABIO ROCHA publicou vários livros e juntou um monte de premiações em concursos. Seus poemas estão nos seus livros (de papel e eletrônicos), em vários sites de língua portuguesa, são notícia de jornal e até andam de ônibus. Como foi o caso do seu poema "A Magia da Poesia" que circulou no *Busdoor* colocado na traseira dos veículos de Blumenau, no período de outubro a dezembro de 2000. Foi este poema que deu nome ao seu primeiro livro, publicado em janeiro de 2001. Depois, vieram mais cinco, eletrônicos — "Tudo Pelos Ares" (março de 2001), "Na Medida do Impossível" (agosto de 2001), "PraLarvas" (2002), "Vice-Rei" (2002) e "Caminho a Manhã" (2003) — todos disponíveis para leitura no seu site pessoal. É lá que o leitor vai conhecer o máximo que o poeta fala de si:

<http://www.fabiorocha.com.br>

Fortuna Crítica

“Fabio, síntese perfeita, brilhante.”

Affonso Romano de Sant’Anna (sobre o poema “Gêmea Estupidez”)

“Siga em frente. Você leva jeito. Em certos momentos tende a bastante ceticismo, um certo desencanto.”

Italo Moriconi (por email)

“Poemas breves, em sua maioria, utilizando-se de fragmentos de vida, transformando-os em magnetos para o deleite e atenção do leitor.”

Rosa Clement (prefácio do livro “A Magia da Poesia”)

“A poesia surge das suas inquietações, da sua acurada observação do tempo e espaço que habita e não o rigor frígido de poemas laboriosamente lapidados em laboratórios de dissecação filológica.”

Fred Matos (prefácio do livro “Tudo Pelos Ares”)

“Não há na sua dicção o soturno canto nihilista, o peso do pesar, o hermetismo simbolista, a exaltação dramática. Também não há, e isso me parece importante frisar, aquele tom um tanto cínico que tem marcado a produção contemporânea mais recente. Em resumo: nem exaltação, nem frieza. Um olhar diferente, especial. E isso, acredite, não é pouco e, igualmente, é muito raro.”

Ricardo Alfaya (prosa de abertura do livro “Tudo Pelos Ares”)

“O cuidado com as palavras não precisa de guia. Fabio é seu próprio guia.”

Felipe de Paula (prefácio do livro “PraLarvas”)

“Em Fabio, percebe-se que há um trabalho em constante evolução e seus poemas se fecham no círculo necessário a qualquer projeto. Ele sabe terminar um poema. Eles acabam em si. Eis o ponto crucial de Fabio, o que o singulariza.”

Elaine Pauvolid (prefácio do livro “Vice-Rei”)

“Fabio Rocha é na poesia contemporânea um fabuloso exemplo de como podemos encurtar o verso sem perder a poesia. Com seu incrível poder de síntese, vai sugando nos dias que correm as metáforas que passam despercebidas aos olhos daqueles que não param para observar um pouco além do óbvio.”

Rodolfo Muanis (prefácio do livro “Caminho a manhã”)

“Seus poemas são de ótima qualidade. Foi um prazer lê-los e conhecer um pouco sobre você. Gostei muito, principalmente dos filosóficos.”

Tanussi Cardoso (registro no livro de visitas do site <http://www.fabiorocha.com.br>)

Contato

Caro leitor,

Obrigado por ler este meu trabalho gratuito. Peço apenas que entre em contato para dizer o que achou, e sinta-se livre para espalhar este ebook para seus amigos (se gostou) e inimigos (se não gostou). ☺

Mantenho meus emails e telefones atualizados no meu site pessoal, assim como outros ebooks:

<http://www.fabiorocha.com.br>